

Coesão e coerência textual

Andréia Reis Bacha Moriningo¹

RESUMO

Neste trabalho propusemo-nos a estudar a propriedade de coesão e sua relação com a coerência, com base nos estudos apresentados por Koch e Antunes. A princípio, ressaltamos que a coesão, por si só, não garante a coerência textual, pois nem sempre se estabelece entre os elementos presentes no texto, exigindo, nesse caso, que o leitor recorra ao contexto para construir a coerência. As relações entre coesão e coerência são interdependentes, o que significa que a coesão não existe por si mesma, uma vez que decorre da própria continuidade exigida pelo texto; por sua vez, a coerência necessita de cada situação, das pessoas envolvidas, das intenções comunicativas, sendo, portanto, construída a partir do texto e seu contexto.

Palavras-chave: Coesão. Coerência. Texto. Contexto.

ABSTRACT

In this work we set out to study the property of cohesion and its relation to coherence, based on the studies presented by Koch and Antunes. At first, we emphasize that cohesion by itself, does not guarantee the textual coherence, it is not always established between the elements present in the text, requiring, in this case, that the reader refer to the context to build consistency. The relationship between cohesion and coherence are interdependent, which means that cohesion does not exist by itself, since it is in the continuity required by the text; in turn, the consistency needs of each situation, the people involved, the communicative intentions, and therefore built from the text and its context.

Keywords: Cohesion. Coherence. Text. Context.

¹ Mestre em Estudos de Linguagens (Linguística e Semiótica) - UFMS.

Introdução

O conceito de texto vem sendo discutido a partir de diferentes pontos de vista de pesquisadores da área da Linguística Textual, variando conforme o autor ou a orientação teórica adotada. Koch (2010, p. 25) observa que, num primeiro momento, o texto foi concebido como: “unidade linguística (do sistema) superior à frase; sucessão ou combinação de frases; cadeia de pronominalizações ininterruptas; cadeia de isotopias; e complexo de proposições semânticas”. Essas propriedades definidoras de texto estariam implicadas propriamente na organização do material linguístico, a partir da qual se definiam textos e não textos. Ao contrário disso, considerando sua natureza pragmática, o texto se define como uma estrutura inacabada, dentro das condições de produção e de recepção, em seu processo de planejamento, verbalização e construção. A autora Koch apresenta sua definição de texto da seguinte forma:

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 2010, p. 22).

Em outras palavras, o texto existe graças à nossa atividade comunicativa, para a qual concorrem processos cognitivos, operações e estratégias mentais postos em situações concretas de interação verbal. Nesse sentido, a atividade de produção textual está condicionada a fins sociais, sendo, portanto, uma atividade intencional que compreende o desenvolvimento de estratégias de ação e a escolha de recursos adequados à realização dos objetivos.

Segundo Koch; Elias (2009, p. 57), “o sentido de um texto é construído na interação sujeito-texto” e, para tanto, deverão ser levados em conta o contexto sociocognitivo e o contexto linguístico, indispensáveis para a construção da coerência textual. O contexto engloba não apenas o contexto, com a situação de interação imediata, mas também o entorno sociopolítico-cultural e o contexto cognitivo dos interlocutores (KOCH; ELIAS, 2009, op.cit., p. 63). Essas autoras consideram que este último contexto aplica-se aos demais, reunindo os seguintes conhecimentos: linguístico, enciclopédico, situacional, superestrutural ou tipológico, estilístico e intertextuais. Todos esses conhecimentos conduzem à noção de textualidade².

Neste trabalho apresentamos o estudo sobre coesão e coerência, baseando-nos nas pesquisas de Koch e Antunes; para aquela (2010), a coesão textual relaciona-se às inter-relações dos recursos linguísticos no interior do texto; para esta (2008, p. 47), a coesão representa “uma propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Ressaltamos que, independente da concepção de uma ou de outra, ambas constroem suas teorias levando em consideração a aplicabilidade na prática de ensino de língua portuguesa na escola.

1 – A coesão textual

Koch (2009, p. 46) considera duas modalidades de coesão: “a remissão e a sequenciação”. A coesão por remissão se faz quando elementos lexicais são reativados por meio da referenciação anafórica ou catafórica³. A autora cita também, como mecanismo de remissão, a sinalização textual que, em determinados casos, funciona como “dêixis textual”, na ocorrência, por exemplo, do emprego de vocábulos do tipo: abaixo, acima, mais adiante, a seguir, respectivamente, etc.

A anáfora constitui uma estratégia de interpretação numa relação de dependência entre dois elementos: o antecedente (explícito ou implícito) e o anafórico. Os referentes textuais anafóricos podem ser indiretos e associativos. As anáforas indiretas relacionam-se a

²Beaugrande e Dressler, introdutores dessa noção, apresentaram sete princípios gerais de textualidade: a coesividade, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade.

³ A anáfora constitui um mecanismo linguístico por meio do qual se remete a elementos presentes no texto. Geralmente, dizemos que, na anáfora, a remissão é para “trás” e, na catáfora, a remissão é para “frente”.

elementos do contexto que podem ser denominados de “âncora” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 128), ou seja, não há um antecedente explícito no texto. Vejamos: Ceres

Texto 1

Campo Grande, és campo sagrado para mim.
Por não ser filha deste solo quero lhe falar:
És como mãe adotiva que aos órfãos cativa
E com sua branda doçura me acolheste como filha.
Campo Grande, lugar de etnias mil
Ceres que alimenta o futuro do Brasil
Capital do olhar interiorano
Linda camponesa de avenidas largas e sorriso encantador.

Fonte: CAMPO GRANDE, 2009.

No texto, vamos encontrar diferentes referentes que remetem ao vocábulo Campo Grande, colocando-o em foco, numa recuperação indireta: “campo sagrado”, “mãe adotiva”, “Ceres que alimenta o futuro do Brasil”, “Capital de olhar interiorano”, “Linda camponesa de avenidas largas e sorriso encantador”.

A anáfora associativa introduz um referente novo no texto (KOCH e ELIAS, op. cit., p. 128) e é ativada por meio de relações metonímicas⁴, conforme podemos perceber no texto a seguir.

Texto 2

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?

(Cecília Meireles)

Fonte: Disponível em: http://pensador.uol.com.br/cecilia_meireles_poemas/

Nesse poema, os sintagmas nominais em destaque ancoram-se em “Retrato”. E o último elemento, “face”, é um referente que sumariza o título (Retrato), pois é ele que representa a verdadeira imagem de que a autora se recorda com saudade.

⁴ Metonímia consiste em uma relação lexical hierárquica que corresponde à relação parte-todo.

A coesão sequenciadora permite a progressão do texto, o avanço textual, garantindo a continuidade dos sentidos. A sequenciação textual ⁵ pode manifestar-se com:

a – Recorrência de termo: Quando um mesmo item lexical é reiterado. Por exemplo:

Texto 3

“Café com pão / Café com pão / Café com pão // Virge
Maria que foi isso maquinista?”

(Manuel Bandeira)

Fonte: AZEREDO, 2012.

Na repetição dos termos, há um acréscimo de novas instruções de sentido, pois as sequências simulam a força que o trem vai perdendo gradativamente.

b – Recorrência de estruturas (paralelismo sintático)

Pode ser acompanhado de um paralelismo rítmico ou similitudência e aparecer na poesia e na prosa, sobretudo com função persuasiva ou retórica. Vejamos um caso de paralelismo na poesia de Drummond:

Texto 4

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras

Mulheres entre laranjeiras

Pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade)

Fonte: Disponível em: <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/drumm6.html>

No poema, encontramos vários trechos marcados pela utilização de uma mesma estrutura sintática. Vejamos:

Casas entre bananeiras

Mulheres entre laranjeiras

Um homem vai devagar.

Uma mulher vai devagar.

Um burro vai devagar.

⁵ Ver Koch e Elias, 2009, pp. 151-181.

No primeiro quadro, temos a sequência: substantivo + preposição + substantivo em ambos os versos; no segundo, a sequência: sujeito + verbo + advérbio de modo, nos três versos, constituindo-se, assim, o paralelismo sintático entre eles, o que produz o efeito rítmico da vagarosidade, da estabilidade intencionado pelo enunciador.

c – Recorrência de conteúdos semânticos (paráfrase)

A paráfrase consiste em uma operação de reformulação semântica, ou seja, de dizer o mesmo conteúdo de outra maneira. É um recurso bastante comum nos textos explicativos ou de função didática. Há uma série de expressões linguísticas introdutoras de paráfrases: isto é, ou seja, quer dizer, em outros termos, em síntese, em resumo, ou melhor, etc. Vejamos um exemplo:

Texto 5

Para uma pessoa obter o título de doutor numa universidade, ela tem de fazer uma grande pesquisa na sua área de conhecimento (...). E essa pesquisa tem de ser inédita, isto é, precisa trazer alguma contribuição nova àquele campo de estudos.

(Marcos Bagno, 1989, p. 20)

Fonte: ANTUNES, 2008.

d – Recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou suprasegmentais

Nesse caso, encontramos, no texto, as variantes fonológicas, tais como: metro, ritmo, rima, assonâncias, aliterações, etc. Vejamos um exemplo neste texto:

Texto 6

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza,
Com a presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?
(Gregório de Matos – Desenganos da vida humana metaforicamente)

O texto acima é um soneto, por sinal, belíssima construção poética de Gregório de Matos. As rimas aparecem nos finais dos versos dos quartetos e dos tercetos, por meio, respectivamente, dos fonemas /ida/ - /ada/; /esa/ - /osa/.

e – Recorrência de tempo e aspecto verbal

É fundamental que, no ensino de verbos em sala de aula, priorize-se a função que estes exercem no texto; no entanto, a preocupação de muitos professores ainda consiste em fazer desse ensino uma camisa de força, cobrando dos alunos a simples memorização de conjugações de tempo e modo verbais, o que compromete o aprendizado dos alunos e banaliza o ensino desse conteúdo.

Conforme a função que exercem, os tempos verbais podem ser divididos em dois grupos: os que servem para narrar e os que servem para opinar, emitir um comentário. Em cada grupo, temos um tempo básico ou tempos básicos, que, nesse caso, cumprem apenas a função de marcar que se trata de uma narração ou de um comentário; outros verbos sinalizam a perspectiva retrospectiva (para eventos anteriores ao tempo base) e prospectiva (para eventos posteriores ao tempo base).

Temos dois tempos-base, no grupo dos tempos da narrativa: o pretérito perfeito, que indica o primeiro plano, ou seja, as ações propriamente ditas que permitem que a narrativa avance; e o pretérito imperfeito do indicativo, que marca as ações em segundo plano ou plano de fundo (caracterização do espaço e das personagens da narrativa). Exemplifiquemos no texto:

Texto 7

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueira
Lia a história de Robinson Crusóé,
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca mais se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
Olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
No mato sem fim da fazenda.
Eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a de Robinson Crusóé.
Carlos Drummond de Andrade. Poesia completa e prosa
(1973, p. 53-4)

Fonte: CEREJA & MAGALHÃES, 2000.

No poema, há uma sequência de verbos no pretérito imperfeito que apontam as ações dos personagens (o pai e a mãe) na narrativa, bem como o espaço que esses personagens ocupavam. Portanto, temos traços de narrativa em segundo plano.

Quando ocorre a mudança do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito do indicativo, apresenta-se a mudança de perspectiva, ou seja, passa-se do segundo ao primeiro plano da narrativa. Essa mudança aparece na segunda estrofe.

Na terceira estrofe, aparece a fala da mãe: “Psiu... Não acorde o menino.” Essa passagem mostra claramente a narração em primeiro plano cujo efeito semântico produzido visa a estabelecer a proximidade entre o texto e o leitor ou ouvinte, enquanto os fatos são narrados.

Destacamos, também, que a sequência de verbos nos tempos do pretérito (perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e seus compostos) indica se tratar de uma narrativa ou relato. Ao contrário, a sequência de formas verbais no presente ou futuro do presente, assim como no pretérito perfeito simples, que, em nossa língua, pode ser empregado tanto na narração, quanto no comentário, neste caso, com valor retrospectivo em relação ao presente, além dos tempos compostos por eles formados, assinala a existência de um comentário. Esses tempos aparecem no depoimento, no ensaio, no comentário, etc. O poema pode tratar de um depoimento, por exemplo:

Sou vassalo, sou leal;
como tal,
fiel, constante,
sirvo à glória da imperante,
sirvo à grandeza real.
Aos Elísios descerei,
fiel sempre a Portugal,
ao famoso vice-rei,

ao ilustre general,
às bandeiras que jurei.
(Alvarenga Peixoto)

Fonte: BOSI, 1997, p. 85.

Para fins didáticos, no trabalho com coesão dos textos em sala de aula, sugerimos a proposta apresentada por Antunes ⁶ (2005, p. 51) para que o professor não perca de vista o conjunto dos elementos implicados na coesão. Grosso modo, a autora aponta, no livro, as relações de coesão que podem ser por reiteração, associação e conexão. A relação de reiteração apresenta dois procedimentos: a repetição e a substituição. A repetição ocorre a partir dos seguintes recursos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita (de unidades do léxico e de unidades da gramática); a substituição pode ser caracterizada por: substituição gramatical (retomada por pronomes ou por advérbios), substituição lexical (retomada por sinônimos, hiperônimos, caracterizadores situacionais) e elipse (retomada por elipse).

A relação de associação faz-se pelo procedimento de seleção lexical, que, por sua vez, apresenta como recurso a seleção de palavras semanticamente próximas (por antônimos, por diferentes modos de relações parte/todo). E a relação de conexão ocorre com o estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos, por meio de diferentes conectores, tais como: preposições, conjunções, advérbios e respectivas locuções.

No livro, Antunes trabalha com cada item da relação de coesão, pormenorizando os procedimentos e os recursos presentes neles. Trata-se de uma leitura básica para o trabalho didático nas aulas de português. Passamos, agora, a tratar da coerência textual.

2 – A coerência

A princípio, devemos considerar que fatores de diferentes ordens contribuem para a construção do sentido ou dos sentidos do texto, a saber: linguísticos, cognitivos, socioculturais e interacionais. O fator linguístico relaciona-se ao conhecimento gramatical e lexical; o fator cognitivo relaciona-se aos esquemas (conjunto de conhecimentos ordenados numa progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será feito ou

⁶ Sugerimos a leitura do livro “Lutar com palavras – coesão e coerência”. É um livro escrito de modo bem didático para o trabalho de coesão em sala de aula.

mencionado no universo textual); o fator sociocultural relaciona-se ao conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo, das vivências pessoais que permitem a produção dos sentidos; e o fator interacional engloba os conhecimentos comunicacional, metacomunicativo, superestrutural e ilocucional (KOCH; ELIAS, 2009).

Outro fator importante de coerência defendido por Koch (2005) diz respeito à intertextualidade, quando se recorre a conhecimentos de outros textos para processar cognitivamente o texto com o qual se está trabalhando. A respeito da conexão entre os textos, Barthes (1974)⁷ afirma que “[...] todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. Nesse sentido, na produção da linguagem oral ou escrita, muitas vezes construímos um texto recorrendo a outro ou a outros. Para Charolles (1983), “a coerência é um princípio de interpretabilidade do discurso: sempre que for possível aos interlocutores construir um sentido para o texto, este será, para eles, nessa situação de interação, um texto coerente”⁸.

A produção do sentido do texto vincula-se ao vocabulário, aos recursos sintáticos, a questões históricas, políticas, sociais, culturais, ao gênero textual, ao propósito comunicacional e à situação comunicativa. Podemos falar, portanto, de coerência textual considerando os aspectos: sintático, semântico, temático, pragmático, estilístico concorrendo todos para a construção da coerência global.

Para finalizarmos este breve estudo, enfatizamos que a coerência é construída a partir do texto, em determinada situação comunicativa, com base em fatores de natureza semântica, cognitiva, pragmática e interacional; a coesão, nesse sentido, não seria condição necessária nem suficiente de coerência.

⁷ Barthes (1974) é citado por Bentes (2001).

⁸ Charolles (1983) é citado por Koch e Elias, 2009, p. 189.

Algumas Considerações

O texto se constrói a partir da articulação entre os aspectos linguísticos, socioculturais e históricos e, portanto, a coerência textual é um aspecto que constrói a textualidade, organizando os enunciados textuais; por sua vez, depende da articulação adequada dos conectivos linguísticos ou elementos coesivos. Assim, o professor deve estar atento a essas questões para conduzir a aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade em sala de aula, tratando os mecanismos de coesão e de coerência a partir de fundamentações teóricas e práticas.

Ressaltamos, todavia, que tais mecanismos linguísticos necessitam ser estudados adequadamente no contexto de sala de aula, pois é comum se empregarem esses termos para justificar, na produção escrita do aluno, principalmente, qualquer deslize que possa obscurecer a compreensão do texto; ou seja, normalmente ouvimos de professores: “o texto de Fulano não apresenta coerência”; “falta coesão na redação de Beltrano”. No entanto, julgamento dessa natureza, por si só, não contribui para uma compreensão sistemática dos eventuais deslizes que tornam o texto incoerente ou com ideias pouco articuladas. É preciso haver para toda avaliação textual respaldo teórico adequado que dê base ao professor de intervir no ensino da produção textual em sala de aula, favorecendo, assim, a aprendizagem eficaz do aluno.

Referência

ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012. 493 p.

BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação. **Em verso e prosa**. Campo Grande: SEMED, 2009.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, C. T. **Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos**. São Paulo: Atual, 2000.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009.

Sites pesquisados

http://pensador.uol.com.br/cecilia_meireles_poemas

<http://www.horizonte.unam.mx/brasil/drumm6.html>